

ELISÉE RECLUS, UM GEÓGRAFO CRÍTICO?

Amir El Hakim de Paula*

Universidade Estadual Paulista

Elisée Reclus, um geógrafo crítico?

Elisée Reclus (1830-1905), geógrafo e anarquista do século XIX, escreveu mais de 40.000 páginas de tratados científicos, publicados em forma de grandes enciclopédias (caso da *Nova Geografia Universal*, em 19 volumes) ou como artigos – caso da nossa tradução.

Ainda que sua potencialidade acadêmica fosse de grande reconhecimento no século XIX, é fato que suas ideias ácratas tornaram-no, às vezes, um cientista em ostracismo, o que dificultou seu acesso às universidades europeias, exceção feita à Universidade Livre de Bruxelas onde foi professor e palestrante, graças, em grande medida, aos alunos que criaram esse centro educacional para receber os “rejeitados” pelos preconceitos existentes entre grande parte da comunidade científica.

Muito embora tivesse sido declaradamente anarquista, contribuindo com outro geógrafo, Piotr Kropotkin, na formulação de uma visão pautada na divisão comunista dos bens (anarco-comunismo), são poucos os historiadores do pensamento geográfico que perceberam a sua importância para a construção de uma ciência social.

Nesse sentido, um importante expoente da chamada Geografia Crítica no Brasil, Antonio Carlos Robert Moraes, em seu clássico, *“Geografia: Pequena História Crítica”*, aponta que a contribuição epistemológica de Reclus foi inexistente, importando apenas a sua atuação política.

No artigo traduzido que estamos publicando, percebemos que Reclus procura associar os vários elementos (físicos e humanos) que seriam determinantes na formação das cidades. Para tal êxito, analisa os vários aspectos que colocariam as cidades como porta de entrada de grandes transformações nas sociedades

humanas, não se prendendo apenas às questões de ordem socioeconômica ou cultural. Ou seja, Reclus discute, em vários momentos do texto, de que forma os acidentes geográficos poderiam ser o estopim para a formação de grandes aglomerações humanas.

Discutindo a separação espacial entre bairros ricos e pobres, Reclus foi um pioneiro na discussão sobre a segregação sócio-espacial, determinando a compreensão da cidade não mais dentro dos parâmetros mnemônicos, tão comuns aos seus contemporâneos.

Diferente dos geógrafos críticos da década de 1970, Reclus, em sua obra, não se pautou apenas e tão somente nos aspectos humanos e, principalmente, recusou se orientar por uma separação entre a geografia física e a geografia humana, tão comum ainda nos dias de hoje nos meios acadêmicos.

Mais do que um artigo de geografia urbana, Reclus procurou demonstrar um aspecto totalizante dessa ciência, apontando as várias possibilidades de entendimento que o geógrafo pode ter, já que é um cientista social com formação interdisciplinar.

Respondendo à pergunta provocadora do início dessa apresentação, acreditamos que o geógrafo francês não se enquadra naquilo que seria conhecido como geografia crítica, visto que essa metodologia está, desde os seus primórdios, pautada pelas ideias marxistas, algo que Reclus sempre combateu nos meios políticos e científicos. Entretanto, o autor não deixa de ser questionador, asseverando em seus trabalhos as enormes contradições existentes entre as classes sociais do período industrial, demonstrando-nos que a compreensão geográfica anarquista ainda precisa ser fonte de preocupação de um profundo debate epistemológico.

Boa leitura!!